



J. TEIXEIRA JUNIOR

Mulheres, não procreeis!

A peor de todas as escravidões é, para nós, a escravidão sexual; e a emancipação da carne não é menos invejável que a do espirito.

Nelly Roussel.

SEGUNDA EDIÇÃO

Orfeão de Braga

1912

Livraria Central de GOMES DE CARVALHO, editor

158, RUA DA PRATA, 160
LISBOA

007824

MULHERES, NÃO PROCREEIS!

C.D.F.S. - A.E.P
Barcelona



JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR

Mulheres, não procreeis!

A peor de todas as escravidões é, para nós, a escravidão secsual; e a emancipação da carne não é menos invejavel que a do espirito.

Nelly Roussel.



SEGUNDA EDIÇÃO



Orfeão de Braga

1912

Livraria Central de GOMES DE CARVALHO, editor

158, RUA DA PRATELA, 160

LISBOA




JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR

OFERTA DE

Francisco José Gomes de Carvalho

Lisboa


SEGUNDA EDIÇÃO


 Orfeão de Braga 

1912

Livraria Central de GOMES DE CARVALHO, editor

158, RUA DA PRATA, 100

LISBOA

Typographia A DIAMANTE

T. de Santa Quiteria, 54

Mulheres, não procreeis!

Cooperar no movimento internacional tão nobremente empreendido pelos néo-maltusianistas, eis o fim desta pequêna obra.

E' um brado entusiastico e sincero que na óra presente, de amarguras e de incertêzas, dirijo ás mulheres operárias e intellectuaes, porque a élas interessa dirétamente a questão, óra debatida, porque élas são as que mais sofrem as dôres pâra as quaes o néo-maltusianismo é, em parte, um eficaz lenitivo.

E como as pâlavras por muito entusiasticas e sinceras que sejam nada de pratico produzem, esponho, na devida altura, duas das formulas mais em uso pâra evitar a gravidês que, segundo a opinião de illustres medicos, apoiada pela minha prática pharmaceutica, mais confiança nos merecem.

Não peço pâra este umilcimo trabalho o *plaudite, cives* dos romanos. O que peço, o que desêjo do coração é que êle seja atentamente estudado por aquêlas a quem se dirije e vá arraigar no seu animo a

convicção inabalavel de que se tórna necessario pôr um freio á procreação inconciente e estupida que atira pâra a Dôr milhões, biliões, triliões de creaturas; que as amaveis leitôras vejam, nestas despre-tenciósas linhas, a vontade grande e potente de arrancar da Ciência o máximo de bem-estar pâra os meus semelhantes.

Lisbôa, Dezembro, 1910.

José Teixeira Junior.

Mulheres!

Há seculos que se procura, por todos os meios, sarar a enórme chaga que corróe o organismo social. Em todas as partes do mundo os ciêntistas, que dos seus labôres não fazem monopolio, individuos cheios de abnegação e puro amôr pelos mártires da Vida, trabalham, esforçam-se denodadamente por preparar á Umanidade, que sofre e chóra, uma situação mais desafogada, mais livre, da qual possa caminhar de cabeça erguida, sem receios, altivamente, pela luminosa estrada do Porvir.

Dêsses trabalhos, dêsses esforços, pâra mim sacrosantos e dignos de admiração numa sociedade intellectual tão imbecil, decadente e nauseativa como a nôssa, dêsses bemditos trabalhos, dêsses gigantêscos esforços destaca-se, pelo seu alcance social, pela grandêza e lógica que encerra, o néo-maltusianismo. O néo-maltusianismo, doutrina procedênte duma demonstração social e economica formulada por MALTHUS, a respeito do aumênto progressivo da população, e que tem por fim crear um limitado numero de individuos são de cõrpo, fõrtes, inteligentes e bons.

Nós, os néo-maltusianistas, sem deixarmos de considerar necessaria, inevitavel e urgente, mêsmo, uma

completa transformação na estrutura social de hoje, afirmâmos, perante a exploração cada vês mais cínica dos pobres por uma minoria de privilegiados, perante a ignobil escravidão que sobre o individuo, especializando a mulher, peza, que a fonte, a causa principal dos males que sofrêmos está, indubitavelmente, na procreação sem limite e sem método. Com efeito, lançar ao mundo creaturas sem lhes assegurarem primeiramente os meios de subsistencia, durante o período do desenvolvimento orgânico, sem lhes poderem ministrar a cultura intelectual indispensavel ao ómem e á mulher, é preparar nóvos explorados, nóvos escravos, nóvos párias que perpetuarão a Iniquidade contra a qual os discursos eloquentes, os artigos em estilo sublime ou os gestos audaciosos de revolta são méros paliativos. Procrear á *outrance*, julgar que as relações seculares entre o ómem e a mulher devem servir pára a reprodução da especie, ainda que a fême espreite os nóvos habitantes da Londres de miserias, e não pára completar o sêr umano, traz-nos as orrificas cênas que diáriamente se nos deparam:

Bandos de crianças pálidas, famintas, cobertas de andrájos e descalças que enxameiam as ruas dos grandes centros em busca de pão com que mitiguem a fome, porque seus paes, se não foram abandonadas, não auferem o suficiente pára o seu alimento; pervertêndo-se, corrompêndo-se, degenerando-se porque seus paes, nascidos e creados nas mêsmas circunstancias, não podem, se assim o desejam, o que raras vêzes acontece, educa-las convenientemente, torna-las entes uteis aos seus companheiros.

Essas crianças, mulheres, que vós vêdes pára ai aos pontapés, aos vaivens da sorte, sem uma Humanidade generósa que as proteja, são os filhos não desejados, nascidos da bestialidade e da inconciência, que vieram trazêr ao lar o aborrecimento, a lágrima, a discórdia e muitas vêzes o luto. E élas que nenhuma

culpa toem da estupidêz dos seus progenitores, que se encontram a braços com o sofrimento sem pâra isso terem contribuído, élas são, simpaticas leitoras, a prova cabal das nössas afirmações. Sim. Que serão, amanhã, êsses desgraçados se uma prematura mórte os não vier bafejar? Uns, os mais submissos, operarios das oficinas, das fabricas, das minas onde trabalharão eternamente, assediados todos os dias pela miseria, sem uma esperança a anima-los, sem uma caricia, pura e sã, a alenta-los. Irão engrossar o ezército dos produtores, dos que enchem de ouro os cofres dos potentados, dos que, ao rompêr do dia e ao anoitecer, vêmos passar taciturnos, miseravelmente vestidos e calçados e mal alimentados; dos que abitam, nos bairros póbres, uma casa insalubre desguarnecida de mobilia, sem confôrto nem alegria. Os outros, os mais rebeldes, os que intensamente amaram a boémia das ruas, serão gatunos, *souteneurs*, ómens sem caráter, capazes de todas as vilanias. Isto quanto aos do secso masculino:

Quanto aos do secso feminino a sôrte não é menos ingrata.

Umás, as que conseguiram sair mais ou menos limpas do monturo em que viveram, serão criadas de servir ou costureiras transformando-se de mulheres em cousas, satisfazendo, sem direito ao minimo protêsto, os desejos lubricos dos machos da casa onde trabalham, sujeitando-se, emfim, a todas as infamias patronaes. As outras, as que perdêram a candura e a dignidade entrarão nos bordeis, serão as infelizes que a altas óras da noite transformam, pâra vergonha do seculo XX, as ruas das grandes cidades num asqueroso mercado de carne umana.

Mulheres! As linhas que atabalhoadamente acabo de traçar não são fantasiadas pâra crear entre vós adherentes ás doutrinas que aqui tento espendêr. Não! Se quereis certificar-vos da sua autenticidade, vinde

comigo atravez das ruas da capital de Lisboa, v. g., analisar a miseria que arrastam os párvulos, filhos de trabalhadores pobricimos; vinde comigo ao aristocrático Chiado, á óra em que a cidade descança da orgia e do trabalho, á óra em que em fôfos leitos os felizes dormem descançada e comodamente, á óra em que a solidão cerca tudo e todos, e ali, onde pelas tardes os ricos entreteem o seu ócio e mostram as suas elegantes e caras *toilettes*; ali, onde a Opulencia passa triunfante e orgulhosa, vereis dormindo nos *trottoirs*, muito conchegados, numa mészcla, pequenitos de dois, quatro, dez ános, de róstos amarelidos a denunciarem ao primeiro lance de olhos as privações por que passam.

Vinde, queridas irmãs, presenciar a ezistencia dèsses que ao nascer não teem um prato reservado no banquete da vida e, então, haveis de corroborár as minhas palavras.

Ora, é pâra evitar que a infancia se debilite e corrompa nêsses âmbientes de miseria que nós propagamos, incessantemente, sem treguas, a procreação limitada e conciênte. Não podemos admitir que individuos sem recursos monetarios pâra provêrem as suas necessidades, gerem êntes, antecipadamente, condenados a todas as torturas fisicas e moraes. Não podemos admitir que com um salario de 700 réis por dia, média dos salarios que os obreiros auferem no nosso paiz, se procriem quatro, seis, oito, dez filhos numa completa inconciência de coelhos, com uma completa falta de raciocinio.

A procreação deve estar sempre em harmonia com os recursos materiaes. Aquêles cujos modos de vida são incertos ou que não podem garantir, pela eziguidade dos seus meios, bôa alimentação e sã educação a nôvo ente, não devem, de fôrma alguma, sejam quaes forem os argumentos que se aduzam, procrear. É' belo disfrutar num infante o fruto do amôr, cheio

de ternura e cheio de poesia, ardente, impetuoso que por uma mulher, graciosa e meiga, sentimos; tem melodias o osculo que pousamos na cabecita loura de nossos filhinhos; é harmonioso, suave e simbolico o trigrâma — Mãe, mas neste Oceano de fomes, de opressões, de martirios, de enganos e de vilanias privar-nos desses gózos; deixar de ouvir essa palavra; deixar de concebêr, quando as circumstancias o não permitam, é um devêr que a vós se impõe.

Pára o cumprirdes estudâmos e batalhâmos nós embora as perseguições dos maus e a ignorancia dos que se dizem progressivos venham, frequentemente, criar-nos obstaculos.

Sómos contra o abôrto; julgamo-lo brutal.

O bisturi ou as beberagens em operações abortivas, trazem sempre perigos pára o organismo da mulher e multísimas vêzes causam-lhe a morte.

Da Ciência tem-se colhido elementos inofensivos que destroem os espermatozoides, que evitam, com segurança e sem receios, a prolifcação. Deveis usar esses meios preventivos, alguns analisados proficientemente em congressos néo-maltusianos e assim tereis cumprido, com nobreza, o devêr mais sagrado que a Humanidade atualmente vos indica: não aumentardes o numero de miseraveis; declarardes a *grève* de ventres.

*
* * *

Alguns apóstolos das ideias libertadôras são contrarios ao néo-maltusianismo porque, em seu parecêr, vem retardar o advento da nóva éra, por êles anelada.

Quanto maior fôr o numero de pessoas sem casa nem pão, mais probalidades temos de, pela fôrça numérica, derruir o ezistente, dizem. Parece-me errada esta opinião.

As doutrinas que eu advôgo não atrazam, como

supõem, a marcha das sociedades pãra a Liberdade porque, propagando a procreação limitada e conciente, preparam cérebros capazes de comprehenderem a necessidade duma nóva ordem de cousas mais consentanea com a Razão; formam espíritos que, sem loucuras, convenientemente disciplinados pela ciência, trabalharão por uma sociedade equitativa, cheia de sorrisos e de flôres: contribuem, emfim, poderosamente, praticamente, sem sônhos, sem visões bakouninicas pãra a construção do edificio do Futuro, cujos alicerces hão-de assentar em terrêno firme, pãra que se não desmorone á primeira rajáda de ignorancia ou de bestialidade.

Dos famintos nada de proveitôso podemos esperar. E' a istoria quem nol-o diz. O miseravel, o indigente, converte-se, devido ás vicissitudes por que passa, num sêr sem dignidade, sem caráter, sem vontade própria, com o cérebro completamente entorpecido. E' o con-corrente temível dos trabalhadores, que se oferece por um infimo salário á industria, ao commercio, á agricultura. Não raras vêzes se alista no ezercito, empunha a arma com que assassina mais tarde, á ordem dos agaloados, o pôvo, seu irmão, que, como êle, sente as agruras da ezistencia. Não raras vêzes entra na policia para guardar as propriedades e a vida dos nossos verdugos ou pãra espionar os átos dos propagandistas do Bem e da Verdade.

Se algum dia coadjuva uma revolução ou qualquer outra luta social, não o faz pãra satisfazêr necessidades de ordem moral e intellectual, nêle apagadas, mas impellido pela fome que o devóra, de maneira que á primeira esmóla que lhe atirem abandona as tranqueiras ou atraição seus companheiros.

Nesta altura vou dar a palavra ao notavel escritôr Charles Malato que sôbre êste ponto algo dirá:

«Se a opressão capitalista, seguindo uma progressão continua, engendrar uma miséria crescente, esta

miséria engendrará por sua vêz a estupidêz e a immoralidade: *teremos rebeldes ferozes, mas pouco illustrados, prontos a sacrificarem a sua liberdade por um pedaço de pão*. E ainda:

«O ómem, além do estômago, possue um outro órgão, o cérebro, cujo papel e poderio teem crescido, sem cessar, dêse que a nossa especie se desprendeu dos seus precursôres.»

Como acabaes de vêr, Malato apoia, mais ou menos, (aquelas linhas são transcritas do primeiro livro que, ao acaso, folheei) a nóssa opinião de que os famintos, por numerosos que sejam, não são uteis á causa comum. Mais do que á quantidade devemos atendêr á qualidade.

Um ómem ou mulher conciênte, fórte tem mais valór do que dez, vinte, trinta famintos.

Assim, todos aquêles que anceiam pelo triunfo das suas reivindicações, todos aquêles que anceiam pela mais rapida conquista da Felicidade, devem preconisar o néo-maltusianismo. E á conciência na prolifcação devem ajuntar a educação racional, a educação de Ferrer.

Sobre esta particularidade creio têr dito o sufficiente.

*

* *

«O néo-maltusianismo é contra a naturêza por isso não concordo comvôco.»

E' uma das observações que me fazem ao espôr e propagar as teorias de Drysdale, Bulffi, Rutgers, Mascaux, etc.

Estas palavras são, pâra mim, resultantes da religião da Natura professada por muiticimos individuos que se julgam ateistas. O naturalismo apoderou-se dos cérebros limpos de peias religiosas, enraizou-se de tal fórma no espirito dos ómens e das mulheres;

acha-se tão espalhado no glóbo que esfrangalhá-o, destruí-lo, aniquilá-lo á luz clara do sol, sem piedade nem respeito, é devêr dos verdadeiros ateístas.

A naturêza é pâra uns a mãe carinhôsa e santa que nos proporciona todas as comodidades, todas as riquêzas.

Ir contra os seus designios, contra as suas leis é desconsiderá-la, é maculá-la.

Pâra outros é a Deusa cuja onipotência se canta em vérsos ardentes e em prósa impregnada de misticismo,

Combatendo-a, com impetuosidade de iconoclasta, pratica-se uma tremenda cresia.

Eu serei indigno e erêje, mas com a mêmisa vee-mência com que ataco as antigas religiões atacarei o naturalismo.

Serei rebelde, atéo, ante a nôva crênça.

Natura não é nôssa mãe; é nôssa madrásta. Se nos oferece meios de subsistencia, se nos oferece as comodidades e riquêzas de que nos falam os seus adoradôres é porque o ómem se curva sôbre a terra pâra a fecundizar, é porque o ómem, estribando-se na Ciência, desenvólve a agricultura e dá nôvos impulsos á industria.

O raio já nos deixa incólumes, não pelo amôr que a naturêza nos tributa mas porque Franklin empregou a sua atividade na descoberta do aparelho que o immortalizou.

Alguns canaes, pórtos e tuneis, algumas maravilhosas obras que nos encantam e favorecem, são, porventura, creações da Naturêza? Não são élas produto do pensamento umano que, no logar onde a Mãe se mostrava pauperrima de comodidades e de riquêzas, no-las proporcionou?

Pâra nos precavêrmos dos cataclismos, pâra aproveitarmos da naturêza, unica e simplesmente, o que nos convêm e não tudo o que éla nos quer dar, trabalham, no remânso dos seus gabinetes, sabios illustres

muito amigos da Umanidade e pouco adoradores da nova Deusa.

Como podeis deduzir dêste meu arrazoado os nossos interesses materiaes estão acima dos preceitos que o naturalismo nos queira impôr.

Em tudo devêmos pôr a nota da insubmissão, franca e audaz, que procure o justo e abandone o injusto.

Na naturêza vejâmos a falibilidadê. E assim como arrancamos a chuva pâra fertilisar a terra e impedimos que o raio destrúa os nossos lares e ceife as nossas vidas, assim tambem prolifiquemos só quando o entendâmos.

Mas, pâra que insistir nêste assunto? Eu, além de não sêr prolicso nêste trabalho, entendo que no combate contra o naturalismo devêmos adotar os processos de Paul Robin, o insigne néo-maltusianista, que, com lógica de ferro, deitou por terra a divindade ultimamente fabricada. Esses processos expô-los-ei noutro livro que tenciono escrevêr e pâra o qual chamo a vossa atenção.

*

* * *

Não raras pessoas julgam que os néo-maltusianistas propagam a continência entre a espécie umana.

Nada mais antitético das nossas doutrinas, como já o haveis compreendido. Nós condenâmos abertamente a castidade porque, além de sêr um dos mandamentos da igreja católica, é nociva á saude do ómem. Desejâmos que todos juntem seus corpos quentes e ofegantes a impulsos do prazêr carnal, que todos amem, mas que vejam no amôr a satisfação do que Letourneau chamou «a necessidade da voluptuosidade» e não a da procreação. Demais, é o Amôr apaixonado, louco, livre, o unico sentimento que esta sociedade nos deixa intácto porque é impotente pâra no-lo roubar. Como

combatê-lo, pois? E não é êle uma imutavel lei fisiológica? Não, nós não sômos contra os prazêres carnaes. *Abusus non tollit usum*. Mesmo a *moral restraint* que Malthus defendeu é considerada, pelos néo-maltusianistas, anti-racional, inadmicível.

Mulheres! Nós procurâmos, com as nóssas lutas quotidianas, transformar a fealdade do ezistente num mundo prenhe de arte e de poesia; nós queremos, com a inspiração divina do Artista e do Poeta, trazêr aos jóvens e anciãos, ómens e mulheres, ricos e pobres, o Belo, o Sublime. Ora se, como disse Tasso, «Amar é desejar a belêza» devêmos sêr irresistivelmente, inevitavelmente apologistas fervorózos do Amôr.

Assim é, na realidade. Quanto a mim, nada me dilacera tanto o coração como vêr creaturas, sobretudo se são jóvens, formósas e sãs, sem terem, ainda, saboreado as escolências dum beijo ou dum abraço, sem terem gozado, frenéticamente, espasmos de voluptuosidade. Nada me causa tão intensa mágua como o falecimento dum ênte umano em plena virgindade.

Os animaes, seja qual fôr a escala zoologica que occupem, vão, chegados á idade propicia, em demanda de relações secsuaes. Nenhum escapa. O ómem frúe nos vóssos côlos, puros e candidos, delicias incomparaveis, recebe do Amôr a impressão mais voluptuósa de que é suscétivel. «O rouxinol viu a sua companheira, de entre a folhagem sombria dum amieiro, dirigiu-lhe o seu enternecido canto de amôr; éla apaixonou-se, ôje, adormecem felizes de se amarem; amanhã procurarão raminhos flecsiveis e musgo sêco pâra entretecêr seu ninho». (Paulo Mantegazza).

O amôr é uma lei fatal que apesar de não estar estampada em códigos, é por todos acatada e cumprida. Mais uma vêz repito: Nós, os néo-maltusianistas, não combatêmos o amôr. Unicamente desejámos que dos seus átos não resultem prejuizos para terceiros: que aos seus átos presida sempre a conciência.

Contra o néo-maltusianismo tem-se levantado clamores moralistas. Burguezes e operarios que da Moral tem uma conceção muito avariada consideram um grave crime, cuja punição reclamam com furôr inaudito, espôr a todos, ômens e mulheres, jóvens e anciãos, os males que a cópula pôde trazêr e o meio de os evitar pâra bem da colétividade social.

Várias Ligas se organizaram em França e noutros paizes com o objétivo, principal e unico, de defender, consciênte ou inconsciêntemente, a Moral Publica que corre perigo de sossóbrar no imundo e encapeládo oceano néo-maltusiano.

E' tempo perdido discutir com êsses neófobos. Porque, pâra mim, não são outra cousa, não merecem outro qualificativo êsses senhores que atacando o néo-maltusianismo, como doutrina de depravação, deixam sem o minimo protesto, indiferentes, apáticos, crescer duma maneira horrorôsa o numero de prostitutas. Mais ainda, êsses moralistas enganam, com falsas promessas, as suas criadas e operarias, as suas companheiras de trabalho, abusam, *com moralidade*, da candura de muitas jóvens que mais tarde vão procurar nos alcouces um pedaço de pão com que matem a fome ou um refugio onde se pôssam abrigar depois de escorraçadas pela sociedade proba.

Moralismo! Palavra vã, ôca, sem significação nêste encantadôr planêta.

E é com essa palavra, é com essas nôve lêtras, que tentam ofuscar a luz que as nossas doutrinas irradiam pelos cérebros dos que auscultam a consciência umana!!!

Mulheres! Irmãs queridas! Achaes, porventura, utilidade em travar discussões com os *moralistas*? Não notastes já que uns, impelidos por interêsses mate-

riaes, com que sonham a cada momento, e outros, arrastados pêla ignorancia, a maior inimiga dos ômens e das mulheres, cravam, traiçoeiramente, as suas navalhas no néo-maltusianismo, escapulindo-se quando chamados á responsabilidade dos seus átos? As doutrinas de Robin, de Humbert e de Silva Junior nunca fôram, não são nem serão imoraes. Afirmo-o com a mão na minha consciência de ômem; afirmo-o perante a Dôr duma mãe que se suicida pãra que seus filhos, abandonados, orfãos, sejam recolhidos numa casa de beneficência; afirmo-o olhando pãra aquêla mulher andrajôsa e cadavérica que a policia encerrou num frio calabouço por pedir uma esmôla com que mitigásse a fome ao pequenito ente saído das suas entranhas, alma da sua alma, sangue do seu sangue.

Mulheres! Estas palavras talvez vos não convençam. São proferidas por um ômem e o ômem tem acêrca de tudo, opiniões muito liberaes. Tendes razão. Muita razão, mêsmo.

Nada de arrebatamentos! Sangue frio, sempre e em todos os cãsos.

Ouvi, por consequência, duas illustres mulheres, ònra do vósso secso, pertencentes á *élite* da intellectualidade feminina francêsa. Ouvi-as sôbre a moralidade ou immoralidade do néo-maltusianismo.

A amavel e generôsa Sevérine diz-nos:

«Inimiga figadal da pornografia, tendo tido a ònra de combater, com o senadôr Bérenger, (*) contra a escravatura das brancas e contra as ezibições obscenas em os teatros e bilhetes postaes, declaro-vos, mui gostosamente, que nada de pornografico vejo na discussão sôbre o direito de procrear.

«Penso a êste respeito:

1.º—que só são felizes os filhos desejados ou,

(*) Presidente da comissão francêza contra a immoralidade nos costumes.

pelo menos, bem recebidos, cujo nascimento não acarrete opróbrio ou agravamento de miséria:

2.^o — que em quanto a um párvulo falte o estritamente necessário é ridículo desejar novos filhos.

«Porque amo profundamente os pequenitos assim discorro: é preferível uma criança sã, robusta, inteligente — pãra o futuro da raça — a dez infantes esfomeados, anémicos, embrutecidos, constrangidamente desprezados, pãra não dizer peor.

«Isto, parece-me, nada tem que vêr com a escitação á libertinagem e com o ultrage aos costumes — que tive a õnra de combater ao lado do senadõr Bérenger.»

Nelly Roussel, autõra do sobêrdo livro «Vers la Révolte», espõe o seu parecer dêsta fõrma:

«Deveis conhecêr já a minha opinião. Eu sempre considerei pornográficos, verdadeiramente pornográficos, aquêles que por ábito assim nos consideram e que nas mais grãves questões só lobrigam pretextos pãra obscenidades. Qualquer assunto pôde ou não sêr pornográfico, conforme a maneira por que é encarado. Os mais escabrõsos oferecem muitas vêzes um aspêto científico ou estético que os impõe á atençaõ do pensadõr ou do artista. E é sempre facil a um espirito pervertido ou mal intencionado, deturpar as mais bêlas cousas como os mais nobres sentimentos.

«Quanto á moral. . . pergunto aos seus ferõzes defensões, aos que se incumbiram da missãõ de reprimir todas as devassidões, que pensam da licença procreadõra a que certos individuos pretendem escitar os cidadãos francêzes. Causa-me estranhêza não têr ouvido falar de perseguições movidas aos *repovoadores* por fomentarem a bestialidade. Procrear ezageradamente ou inconciêntemente não é mais nõbre nem menos funesto do que bebêr ou comêr em demasia.

«O õmem inteligente e civilizado distingue-se do bruto em sabêr refrear seus instintos quando os julga

prejudiciaes ao seu desenvolvimento ou ao interêsse da sociedade.

«Sempre que se me depáram num dos grandes jornaes o retrato e biografia dum valorôso pae de familia — geralmente cantoneiro ou pescadôr, isto é, incapaz de occorrêr convenientemente ás suas necessidades pessoais — que em vinte ânos praticou a selvageria de lançar ao mundo vinte miseraveis e de impôr a uma infeliz mulher vinte partos. . . perante a cinica apologia dum sátiro dêste calibre, parece-me que o senhôr Bêrenger perde uma famôsa occasião pâra expandir as suas cóleras.»

Mulheres!

Sob a dôr que causa o sofrimento alheio fiz este pequeno trabalho. Não possui a grandiloquência dum artista mas tem o coração dum poeta que ama a Vida plêna.

A febre puerperal, as mil privações e penas por que passaes, ao lançar ao mundo um nôvo ênte, acordaram em mim o desêjo de vos sêr util.

Irmãs! Dos sêres umanos sois vós quem mais sofre. Sois vós as escravas do Preconceito e dos despotismos sociaes. E não o mereceis. Sim, não o mereceis. Os vóssos corpos ondulosos e finos fazem-nos sentir o suprêmo gôzo e esquecêr, por momentos, o Mal que nos subjuga. Tendes por isso, porque sois a estatua viva da Belêza, direito á consideração dos ômens.

Toda a vóssa desgraça deve sêr estinta por nós.

Devemos defendêr-vos. D'ái a nobrêza do néo-maltusianismo que, carinhôso e paternal, em vósso auxilio vem. Os máns, os que vos consideram como escravas a quem Spartacus não libertará, aquêles que não ouvem os vóssos queixumes perseguem-nos acintosamente. Querem, á viva força, que a doutrina néo-maltusiana,

pura e branca como Deipara, desapareça do orbe. Mas ilusão das ilusões. Nada, absolutamente nada, aniquilará essa Ideia consagrada pelas mais altas individualidades intellectuaes de varios paizes.

Nem carcerees, nem guilhotinas emudecerão nòssa vóz. Muito pelo contrario, as perseguições, os encarceramentos e assassinatos farão com que a Ideia siga cada vêz mais arrebatadôra, cada vêz mais altiva e ousada, cada vês mais sorridente e afétuosa. Ela entrará nos vòssos cérebros, fazendo-vos compreender e cantar a liberdade do amôr. Ela continuará espalhando, a mãos cheias, na terra fecunda, a semente da Vida Moderna. Trará o advênto dum nôvo e luminoso dia em que se quebrem as algêmas da escravidão e as nòssas faces sejam cobertas pelos vòssos melodiosos e quentes beijos.

O amôr livre e perfumado, sem as conseqüências terriveis de ôje, unindo-nos num amplexo fraternal dar-nos-á alento pâra a Luta Suprêma. E a instrução, que é pâra as sociedades humanas o que o cimento é pâra os edificios, coroará a obra colossal do néo-maltusianismo.

Mulheres ! Amôr e instrução, amôr não prostituido e instrução racional. Eis a divisa que devêmos adotar. Divisa que ha-de espurgar tudo quanto de mau eziste no nòsso seio e nos mostrará a Aleluia Social.

Amæ, mulheres, amæ sem receio.

Amæ o joven louro e musculoso que numa clara tarde de primavera vistes colhendo flôres no jardim da volupia.

Amæ que o néo-maltusianismo vos ampara. Sois livres, por fim. No rubro orizônte já se divisam os portadôres da Bôa-Nôva.

Fórmulas pâra evitar a fecundação

1. ^a Cloridrato de quinina.....	5 centig.
Timol.....	5 »
Acido citrico.....	10 »
Manteiga de cacau.....	5 gram.

Pâra um cone ou óvulo.

Funda-se a manteiga numa capsula de porcelana; juntem-se-lhe as outras substancias, misture-se bem, deixe-se arrefecer um pouco e verta-se em molde conico ou oval que tenha 5 centímetros no seu maior comprimento e 3 centímetros na sua maior espessura. Introduzido um destes ovulos no fundo da vagina, momentos antes do coito, o calor do côrpo produzirá a sua liquefacção, ficando, assim, as paredes dêste órgão e o orificio uterino revestidos duma camada das substancias que formam o ovulo e que teem a propriedade de estinguir os espermatozoides, evitando que êstes penetrem no utero e ezerçam a sua ação fecundante.

2.^a Uma colher, de chá, de formol num litro de agua quente. Deem-se injecções vaginaes com *seringa*

pneumatica ou com *irrigador obturadôr* logo depois da cópula. Esta ultima formula é muito eficaz. O formol ezala vapôres mortiferos pâra os espermatozoides que escapem á ação do liquido.

No emprego de qualquer destas formulas deve haver o máximo cuidado, de contrario todos os trabalhos serão infructiferos.

Nas acanhadas dimensões dêste livro não posso, como seria meu desejo, espraia-me sobre êste ponto da máxima importancia: meios praticos de evitar a procreação.

No emtanto, encontro-me sempre ao dispôr daquêles que tenham duvidas ou necessitem esclarecimentos mais completos.

Trabalhámos, conscienciosamente, eu e o meu prezado amigo João Martins do Rego, distinctissimo farmaceutico diplomado pela Escola de Lisboa, num preparado néo-maltusiano que, brevemente, será espôsto á venda.

J. T. J.



LIVRARIA CENTRAL

DE

GOMES DE CARVALHO

158 — Rua da Prata — 160

LISBOA

A anarchia. — A sua philosophia. O seu ideal. — Por Pedro Kropotkine, traducção de V. Fonseca. 1 vol.	120
A anarchia. — Fim e meios. — Por João Grave, versão auctorisada de Raul Pires e Aquilino Ribeiro. 1 vol.	700
O atheísmo. — Por Felix le Dantec, traducção de Faustino da Fonseca. 1 vol.	600
A Conquista. — Discursos e conferencias por Maria Valeda, com um prefacio do Dr. Antonio José d'Almeida. 1 vol. com o retrato da auctora.	500
A descendencia do homem. — Por Guilherme Bölsche, traducção de M. P. 1 vol.	300
Os Humildes. — Romance por Fidelino de Figueiredo. 1 vol.	200
A imbecillidade e a degenerescencia nas familias reaes. — Pelo Dr. Antão de Mello. 1 vol.	300
A impotencia sexual no homem e na mulher. — Pelo Dr. W. A. Hammond, traducção de J. A. Benfes. 1 vol.	600
A mentira religiosa. — Por Max Nordau, traducção de Affonso Gayo. 1 Vol.	100
Mentiras religiosas. — Por Heliodoro Salgado, prefacio de Fernão Botto Machado. 1 vol.	300
A mulher. — Cartilha de instrucção social, por Soledad Gustavo, traducção de J. Sesuirosa. 1 vol.	100
A proxima revolução. — Por Leão Tolstoi, traducção de V. Fonseca. 1 vol.	200
O que os noivos não devem ignorar. — Philosophia pratica do amor entre os dois sexos, pelo Barão d'Alpha. 1 vol.	400
Sciencia e religião. — Por Malvert. Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. illustrado	500

C.D.H.S. - A.E.P.

Barcelona